

## **A RELAÇÃO ENTRE CIÊNCIAS SOCIAIS E CIÊNCIAS DA SAÚDE: uma abordagem metodológica**

Luiz Carlos dos Santos

Na produção de trabalhos acadêmicos - quer monografias, quer dissertações e teses, ou ainda, outras espécies do gênero, a exemplo de um artigo técnico-científico, a priori, aqueles que não têm experiência em pesquisa podem achar que não existe relação entre Ciências Sociais e Ciências da Saúde, por exemplo. Todavia, num olhar sistêmico, como assinala Maria Cecília de Souza Minayo (2008, p. 27), a relação em foco pode ser considerada como "uma forma de ver a realidade e de articulá-la".

Não foi sem fundamentação que o Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional (PGDR) - Mestrado Profissional, do Departamento de Ciências Humanas (DCH), Campus I, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), recomendado pela CAPES, pioneiro no país, vem obtendo excelentes resultados quando, numa perspectiva multidisciplinar, desenvolve projetos sob o manto das Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional, abrangendo várias áreas do saber - educação, tecnologias e inovação, segurança, direito, saúde, dentre outras. A dimensão multidisciplinar do curso propicia a exploração de temas e a elucidação de várias problemáticas, entre as quais: promoção de atividades físicas; saúde mental, educação e inclusão digital, ações afirmativas sob diversos ângulos, territorialidade, desenvolvimento local.

Convém ressaltar que o PGDR não está propondo novas técnicas de investigação, mas possibilita um olhar e uma abordagem diferentes sobre o objeto em análise. No dizer de Minayo (2008), essa perspectiva multidisciplinar enfatizando-se a abordagem qualitativa pode iluminar a visão unidimensional, fazendo com que o pesquisador possa "enxergar as inter-relações", como assinala a autora citada (2008, p.27).

Dessa forma subverte-se, muitas vezes, a mente compartimentalizada, rumo à desnudação de diferenças e as oposições se comunicarem, modificando a antiga prática positivista que só valoriza regularidades e normas. Ao contrário, frise-se, esta visão mostra as facetas que permanecem e ressalta "o que" muda e "como" as coisas se transformam, auto-organizando-se. Essa visão multidisciplinar vai se incorporando ao campo da pesquisa em saúde e é objeto de indagações, também, nas Ciências Sociais.

Um dos diferenciais do PGDR está na diversidade da formação básica dos seus

docentes, pois no seu quadro, dentre outras áreas do conhecimento, há sociólogos, pedagogos, administradores, economistas, contadores, bacharéis em direito, licenciados em história, geógrafos, além do assessoramento/consultoria de profissionais da saúde.

Nos possíveis caminhos para a operacionalização das pesquisas direcionadas para a área das ciências da saúde ou da saúde coletiva, mas perpassando pelas ciências sociais, a combinação das abordagens quantitativas e qualitativas é algo plenamente factível; afinal, em oposição ao positivismo, as indagações sobre valores, representações, crenças e relações são mais bem respondidas pelas Ciências Sociais.

Deve haver uma compreensão da realidade humana vivida. Trazer à discussão do “qualitativo” para o campo da saúde é bastante pertinente, a partir do posicionamento de estudiosos como: Minayo & Sanchez (1993); Minayo & Cruz Neto (1999); Minayo et al (2003); Minayo & Minayo Gomez (2003); Samaja (1993) e, Arouca (1975), dentre outros expoentes.

Entende-se como salutar para o avanço da ciência trazer à baila a epistemologia metodológica, numa dimensão de historicidade e, quando o objeto da investigação estiver relacionado com as ciências da saúde, tal dimensão é submetida às vicissitudes, avanços, recuos, interrogações e perspectivas da totalidade social em seu dinamismo.

Segundo afirmação contida no site da UNIFESP, "o conceito sociológico de saúde retém ao mesmo tempo as acepções biológicas, estruturais e políticas, mas também contém os aspectos histórico-culturais e simbólicos de sua realização". Ressalte-se que, como questão humana e existencial, a saúde é um bem complexo, compartilhado indistintamente por todos os segmentos e diversidades sociais.

Assim, para todos os grupos, ainda que de maneira específica e peculiar, saúde e doença expressam, agora e sempre, no corpo e na mente, especificidades biológicas, sociais e ambientais vividas subjetivamente, na totalidade existencial do indivíduo ou dos grupos. Por sua vez, como qualquer tema abrangente do contexto cultural, o conceito de saúde deve ser analisado perpassando-se pela sociologia que, primeiramente histórica, diferencia classes, segmentos, gêneros e faixas etárias. Isso porque as condições de vida e de trabalho qualificam de maneira diferenciada a vida pela qual as classes, as etnias, os gêneros e seus segmentos pensam, sentem e agem a respeito daquelas condições.

De acordo com Minayo (2008), as modalidades de análises qualitativas nas pesquisas que envolvam ciências sociais e ciências da saúde importam tanto por seus efeitos no corpo como por suas repercussões no imaginário. Assim, todas as ações clínicas, técnicas, de tratamento, de prevenção ou de planejamento devem estar atentas aos valores, atitudes e

crenças das pessoas a quem a ação se dirige.

Parafrazeando Minayo (2008), é necessário entender que, ao ampliar suas bases conceituais incluindo o social e o subjetivo como elementos constitutivos, as ciências da saúde não se tornam menos “científicas”; pelo contrário, elas se aproximam com maior luminosidade dos contornos reais dos fenômenos que abarcam.

A guisa de incitação para aprofundamento das abordagens qualitativas em pesquisas envolvendo ciências sociais e ciência da saúde é de bom alvitre indicar algumas espécies tais como: fenomenologia, sistêmica, etnometodologia, interacionismo simbólico, história de vida, narrativa de vida, história oral, etnobiografia, investigação participante, pesquisa-ação, estudo de caso, hermenêutica-dialética, observação participante, análise de conteúdo, análise do discurso, entre outras.

Urge, contudo, registrar, que há plena possibilidade de se trabalhar, concomitantemente, com as abordagens quantitativa e qualitativa; e, nesta última, o pesquisador poderá lançar mão de mais de uma espécie do gênero. Tudo depende do objeto sob investigação/análise. Finalmente, a título de indicação na área de metodologia, com ênfase em abordagens qualitativas, o pós-graduando deve aprofundar seus estudos, a partir das lições de: Maria Cecília de Souza Minayo (O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde e Pesquisa Social: teoria, método e criatividade); Antônio Chizzotti (Pesquisas qualitativas em Ciências Humanas); Habermas (Dialética e hermenêutica); John W. Creswell; Menga Lüdke; Marli André (Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas); Thiollent (Metodologia da Pesquisa-ação); Bardin (Análise de Conteúdo); Sellitz; Waiselfsz (Avaliação Participativa); Wolcott (Mejorar la escritura de la investigación cualitativa); Robert Yin (Estudo de Caso); Goode (Métodos em Pesquisa Social); Da Matta (A aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na Pesquisa Social); Lowy (Método Dialético e Teoria Política), Canesqui (As Ciências Sociais e a Saúde), Bruyne; Herman; Schoutheete (Dinâmica da pesquisa em ciências sociais), dentre outros autores.

Enfim, a leitura da epistemologia metodológica é imprescindível na concepção, planejamento, organização e execução da pesquisa. Ah! Nunca se esqueçam: é a metodologia o caminho que leva à elucidação de um fenômeno, fato ou ocorrência.